

**METODOLOGIA DA PESQUISA:
UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**RESEARCH METHODOLOGY:
AN EXPERIENCE WITH UNDERGRADUATION NURSING STUDENTS**

**METODOLOGIA DE LA INVESTIGACIÓN:
UNA EXPERIENCIA CON ALUMNOS DEL CURSO DE
GRADUACIÓN EN ENFERMERÍA**

Terezinha de Freitas Ferreira¹

Este estudo consiste no relato de experiência no transcorrer da disciplina Metodologia da Pesquisa na Enfermagem, oferecida aos alunos do 4º período do Curso de Graduação em Enfermagem, de uma Universidade Federal. Com uma carga horária de sessenta horas, a disciplina ocorreu em doze momentos. As aulas foram ministradas utilizando-se oficinas de dinâmicas de grupo baseadas nas técnicas de Simão Miranda. A forma de avaliação permitiu que os próprios alunos comentassem sobre o seu desempenho, tornando o último encontro o ponto mais marcante da experiência. Ao final dos doze momentos, o grupo concluiu que é muito mais fácil estudar, aprender e pesquisar quando se é estimulado, sobretudo se essa estimulação ocorre em forma de dinâmicas de grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia da pesquisa. Alunos. Dinâmicas de grupo.

This study consists in the account of an experience in the course Nursing Research Methodology which is offered to students in the 4th term of the Undergraduation Program in Nursing at a National University. With a schedule of sixty hours, the course took place in twelve different moments. Classes were given by means of group dynamics workshops based on the technique proposed by Simão Miranda. The form of evaluation allowed the students themselves to comment on their performance, which made the last meeting the most remarkable moment of the experience. At the end of the twelve moments, the group concluded that it is much easier to study, learn and research when one is given encouragement, particularly when such encouragement is provided in the form of group dynamics.

KEY WORDS: Research Methodology. Students. Group dynamics.

Este estudio consiste en el relato de experiencias en el transcurso de la asignatura Metodología de la Investigación en Enfermería, ofrecida a los alumnos del 4º período del Curso de Graduación en Enfermería, de una Universidad Federal. Con una carga horaria de sesenta horas, la asignatura se desarrolló en doce momentos. Las clases fueron impartidas utilizándose talleres de dinámica de grupo baseados en las técnicas de Simão Miranda. La forma de evaluación permitió que los propios alumnos comentasen sobre su desempeño, tornando el último encuentro en el punto más marcante de la experiencia. Al final de los doce momentos, el grupo concluyó que es mucho más fácil estudiar, aprender e investigar cuando se es estimulado, sobretudo si esa estimulación se presenta en forma de dinámicas de grupo.

PALABRAS CLAVE: Metodología de la Investigación. Alumnos. Dinámica de grupo.

¹ Doutora em Enfermagem, professora da Universidade Federal do Acre.

INTRODUÇÃO

Pela necessidade do cumprimento do dever, aceitamos o desafio de ministrar a disciplina Metodologia da Pesquisa na Enfermagem. Era setembro, o mês da primavera, quando recebemos a informação de que fôramos indicadas para ministrá-la. Tivemos alguns minutos de hesitação, mas logo caímos na tão sublime realidade. Afinal, após alguns anos ausente (cursando pós-graduação), voltávamos com um título e nem de longe podíamos pensar em qualquer tipo de recusa.

A preocupação, entretanto, chegou com toda a sua força, pois, antes da nossa partida, ministrávamos apaixonadamente as disciplinas Enfermagem Psiquiátrica e Enfermagem Obstétrica, que são disciplinas bem diferentes da então proposta. Junto com a preocupação veio a dúvida. Dúvida de como fazer, que metodologia utilizar para conseguir mais e mais dos alunos, de forma que eles pudessem absorver o conteúdo, já que eles próprios se consideravam inquietos e rebeldes.

Pensamos nas oficinas de dinâmicas de grupo de Simão Miranda (1997). Assim, utilizando os fundamentos de algumas técnicas apresentadas pelo autor, conseguimos, em sessenta horas, concluir a disciplina. Foram doze lindos encontros em seis tardes de terças e quintas-feiras.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, com o objetivo de relatar a experiência vivenciada por trinta e nove pessoas, sendo uma professora e 38 alunos, durante a disciplina metodologia da pesquisa em enfermagem.

O estudo foi realizado no primeiro semestre de 2004, com a utilização de dinâmicas de grupo desenvolvidas por Miranda (1997), as quais envolvem a realização de exercícios de convivência, como aquecimento, sensibilização, jogos de estratégias e algumas técnicas de apresentação, integração, animação, relaxamento e capacitação.

Para o desenvolvimento do trabalho, recorreremos à metodologia participativa. A escolha deveu-se ao fato de que esta metodologia,

conforme indica IFAPJ (2001), além de gerar um processo de aprendizagem libertador, tendo em vista que permite desenvolver um processo coletivo de discussão e reflexão, também amplia o conhecimento individual, coletivo, enriquecendo o potencial dos envolvidos.

A metodologia participativa, segundo Milet e Marconi (1992), possibilita aos integrantes do grupo, receberem as informações de que necessitam, fazendo com que se sintam seguros, por pertencerem ao grupo, contribuindo para um melhor aproveitamento do aprendizado.

A DISCIPLINA EM SI

Primeiro momento

Éramos trinta e nove pessoas. Trinta e oito alunos e uma professora. Um mundo desconhecido pairava sobre nós, mas uma linda e suave música encheu de paz os nossos corações, deixando-nos desarmados para iniciarmos a nossa aula. Começamos pelas apresentações. Ficamos sabendo, em pouco tempo, quem era quem dentro daquela sala de aula.

Estávamos felizes e começamos a nossa aula falando de projetos de pesquisa e relatórios de pesquisa. A participação dos alunos foi extraordinária! Eles se interessaram pelo tema e fizeram muitas perguntas. Queriam saber e conhecer a maneira pela qual se realiza uma pesquisa. Percebemos, então, que as suas inquietudes e rebeldias poderiam ser definidas como “o desejo de aprender”, referido por Santos e Gouthier (1999). Que pena, que a primeira aula chegou ao fim.

Segundo momento

Era preciso aprender sobre os passos de uma pesquisa e as dificuldades encontradas no seu desenvolvimento. Era preciso também conhecer as qualidades de um pesquisador e o papel do orientador. Foi então que decidimos, como dizem Santos e Gouthier (1999), ir do sonho ao devaneio e ensaiamos uma brincadeira que pudesse ser associada ao conteúdo.

A brincadeira da cabra cega foi sugerida e aceita. Um grupo de alunos logo se voluntariou para colocar a venda nos olhos. Esse instante foi caracterizado por um longo silêncio. A turma de alunos que preferiu ficar como espectadora observava atentamente os outros que, com a venda nos olhos, se debatiam na ânsia de encontrar o mais rapidamente possível o seu par, por nós definido como orientador.

Assim, à medida que percebíamos o desespero dos alunos que se encontravam de olhos vendados para se locomoverem e encontrar algo em que pudessem apoiar-se, providenciávamos para que encontrassem o seu parceiro. Mas a brincadeira não parava por aí. Ainda com a venda nos olhos, os parceiros tinham que continuar o caminho por um determinado tempo.

O resultado foi surpreendente! O depoimento de cada aluno, descrevendo a sensação que experimentou durante a brincadeira (com ou sem parceiro), serviu para desencadear e estimular a discussão sobre a relação orientador-orientando no decorrer de toda a aula.

Terceiro momento

Precisávamos conhecer os vários tipos de instrumentos de pesquisa e a sua primordial importância para chegarmos a um resultado de qualidade. Assim, falamos muito do questionário, do formulário, das entrevistas, das questões abertas, das questões fechadas. Falamos, também, de como cada instrumento se adéqua melhor a cada tipo de pesquisa, seja quantitativa, seja qualitativa.

Em seguida, aplicamos os instrumentos na própria sala de aula, onde uns entrevistavam os outros, numa forma de exercitar o que deveria ser feito durante a realização da coleta de dados num momento posterior a esse.

Foi como uma brincadeira:

“[...] excitou-nos, fez-nos participativos e imprimiu em nós o gostoso sabor da pesquisa.”
(Aluno nº 20).

Quarto momento

Com o objetivo de fixar ainda mais o conteúdo das aulas até então realizadas, optamos por ler,

analisar e discutir alguns textos — artigos publicados em revistas de enfermagem — que serviram também para conhecermos o andamento das questões inerentes à pesquisa de enfermagem no Brasil. Dentre eles, podemos citar: Cassiani e Passarelli (1999), Santos (1998), Botosso, Costa e Alves (1997) e Mamede e Clapis (1996).

Para melhor compreensão dos textos, realizamos, ao final da aula, um “repeteco” de tudo o que foi visto, com a brincadeira da caixinha de música. A música era executada e, ao parar bruscamente, o aluno que tivesse na mão a cestinha que continha as perguntas, teria que tirar uma delas e respondê-la. Caso não conseguisse, pagava uma prenda, relia o material e ao final apresentava as respostas. Sobre esta atividade, disse o aluno nº 17:

“Foi divertido e proveitoso [...]”

Quinto momento

Precisávamos saber mais sobre pesquisa; afinal iríamos realizar uma pesquisa pequena, mas iríamos. Preferimos, então, pensar em algo diferente, que realmente prendesse a nossa atenção, e um filme para assistirmos foi a saída. O escolhido foi aquele denominado *Com Mérito*, que foi não apenas emocionante, mas de um resultado gratificante!

No filme *Com Mérito*, o personagem Monty é um formando da Universidade de Harvard, que após perder todo o seu trabalho de conclusão de curso no seu computador, fica com uma única cópia impressa. De um momento para outro, por acidente, ele se vê sujeito às vontades de um mendigo, Simon, que se apodera da única cópia que o estudante tem. Com pouco tempo para recomeçar do zero, ele se vê obrigado a aceitar um acordo com Simon, que lhe promete devolver o escrito em troca de um prato de comida. Posteriormente, o que parecia ser uma grande chantagem, torna-se uma oportunidade de crescimento para Monty, que até então não tinha noção de como estava distante das pessoas e dos próprios sentimentos. Simon, apesar de ser mendigo, era uma pessoa esclarecida e culta que, por diversos motivos, desistiu da vida comum. Monty acreditava que defenderia o seu trabalho

como a chave do seu futuro glorioso e de uma carreira promissora dentro da política, porém precisou reescrevê-lo. Ao fazer isto, agora baseado na experiência real e prática que tivera com Simon, aprendeu que apesar de não ter sido aprovado com mérito escolar (porque este dependia do prazo de entrega), era importante ter mérito na vida não por atos e aparências vãs, mas pelo que realmente significativo tivesse realizado. Os ensinamentos de Simon foram capazes de fazê-lo refletir sobre a verdadeira função do estudo e do trabalho, e o que representa, realmente, obter sucesso na vida e ser feliz.

Do filme, exploramos dois aspectos relacionados à pesquisa:

- a) geral — as barreiras enfrentadas durante todo o processo: as dificuldades surgidas durante a pesquisa, a difícil relação professor-aluno, a forma autoritária de passar conhecimentos e as diferentes idéias dos atores envolvidos numa pesquisa.
- b) específicos — os passos da realização de uma pesquisa: a escolha do tema, a realidade da insegurança gerada nessa fase; a tomada de consciência do pesquisador, ao perceber que tem diante de si o que deseja pesquisar, e o começo da superação daquele medo experimentado inicialmente; a forma como o pesquisador se envolve na sua pesquisa, passando a fazer parte dela, a querer interferir, a querer solucionar o problema; a necessidade que o aluno tem de apresentar as suas próprias opiniões e inclusive discordar do pensamento do orientador; a mudança do tema, que não deve se constituir num medo para o pesquisador, mas, ao contrário, questionar a si próprio é benéfico; comprovação de que o mundo é dinâmico, ou seja, está em constante modificação.

Sexto momento

Era chegada a hora de avaliar os nossos conhecimentos, saber o que aprendemos e o que ainda precisava ser discutido. Um exercício de

relaxamento foi oportuno para dissipar os medos, as preocupações. Em seguida, iniciamos um movimento de traz carteira para cá, leva carteira para lá. Finalmente, um círculo formou-se e sentamo-nos todos sem querer acreditar no que víamos. Repentinamente, um de nós disse:

“Nossa, essa é uma forma bem inovadora de se fazer prova! É a primeira vez que fazemos prova desse jeito, em círculo [...] (Aluno nº 07).

As provas foram distribuídas e os alunos estavam curiosos para conhecer o seu conteúdo. Silêncio total. Nesse momento, apenas as nossas respirações eram ouvidas. Em boa hora, uma música, com cheiro de perfume, começou a soar e relaxamos. Só então, demos início à resolução da prova.

Sétimo e oitavo momentos

Esses momentos foram destinados à elaboração de um anteprojeto de pesquisa. Para trabalhar, decidimos organizar-nos em grupo, num estilo de aula comum; uma música instrumental soava nos nossos ouvidos, permitindo-nos aguçar a atenção. Após esses momentos, partimos para a fase de coleta de dados. Cada grupo seguiu para o seu campo e só voltamos a nos encontrar quatro semanas depois.

Nono e décimo momentos

Era chegada a hora de tabular os dados. A metodologia anterior foi novamente utilizada, ou seja, trabalho em grupo com uma música de fundo. Nos mesmos moldes, também ocorreu a elaboração dos relatórios.

“Nesses momentos estivemos calmos e confiantes em nós mesmos [...]” (Aluno nº 32).

Décimo primeiro e décimo segundo momentos

Foram os momentos de maiores surpresas no decorrer da disciplina. Ficou claro que o empenho dos grupos foi total. As apresentações dos relatórios foram lindas, e o conteúdo dos trabalhos,

encomiástico. Alguns deverão ser aprofundados e posteriormente publicados. Os temas incluíram o pré-natal, a mortalidade materna, a AIDS, os idosos, a experiência das enfermeiras recém-formadas, entre outros. Foi tudo muito gratificante!

Como já foi dito, os trabalhos, desde os projetos, foram realizados em grupo (não podia ter sido diferente, pois eram 38 alunos). Talvez por isso mesmo o resultado tenha sido tão satisfatório. Como diz Tugde (1996), o trabalho colaborativo geralmente funciona como um importante instrumento para auxiliar o processo de aprendizagem.

CONCLUSÃO

Do início ao fim da disciplina, todas as decisões foram tomadas conjuntamente. O que estudar, como estudar, que metodologia utilizar em cada tema e assim por diante.

Com as avaliações não foi diferente. Decidimos que a N1 seria escrita, valendo a metade dos pontos. A outra metade valeria a participação dos alunos em sala de aula, onde eles próprios se auto-avaliaram. Já para a N2, as notas foram dadas considerando os projetos, as apresentações dos grupos e os relatórios de pesquisa.

Cada aluno avaliava o seu próprio desempenho no grupo; o desempenho de cada membro do grupo; o desempenho do seu grupo em relação aos outros grupos; o desempenho de cada grupo de um modo geral; e o desempenho da professora.

A avaliação entre os grupos ocorreu como descrito a seguir:

O grupo 1 avaliou o grupo 2; o 2 avaliou o 3; o 3 avaliou o 4; o 4 avaliou o 5; o 5 avaliou o 6; o 6 avaliou o 7; e o 7 avaliou o 1. Todas essas notas foram somadas e divididas com as notas dadas pela professora.

Realizamos esse tipo de avaliação, inspirados em Chaves e Magalhães (1995). Consoante estes autores, se o professor desejar saber se o aluno realmente adquiriu conhecimentos, deve permitir que ele mesmo comente sobre o seu desempenho. Foi possível perceber a sinceridade dos alunos ao se

auto-avaliarem, já que ficou evidente certa exigência de cada um consigo mesmo.

Rogers (1972) afirma que se um professor consegue criar um clima de sala de aula, ainda que modesto, baseado em autenticidade, apreço e empatia, e mais, se acredita na tendência construtora do aluno e do grupo, descobre então que promoveu uma verdadeira revolução educacional.

Assim, o último momento constituiu-se no ponto mais alto, mais marcante da nossa relação (professora-alunos). O nivelamento entre os participantes gerou um clima de amizade, o que, com certeza, tornou a avaliação um processo positivo tanto para os alunos quanto para a professora, considerando que os alunos foram eximidos do desgaste de se submeter ao nervosismo que comumente acompanha uma avaliação escrita.

REFERÊNCIAS

- BOTTOSSO, R.M.; COSTA, T.M.; ALVES, E.S. **Reflexões sobre o processo de produção do conhecimento na enfermagem**. Trabalho apresentado ao 9º SENP. Vitória (ES), jul. 1997.
- CASSIANI, S.H.B.; PASSARELLI, L.R. Pesquisar em enfermagem: um processo de ação da enfermeira. **Rev. Gaúch. Enferm**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 91-110, jan. 1999.
- CHAVES, E.H.B.; MAGALHÃES, A.L. O processo de avaliação no ensino de enfermagem: algumas considerações. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v.8, n.1/2, p.139-148, abr./out.1995.
- COM Mérito. Direção: Alek Keshishion. Intérpretes: Brendan Fraser; Joe Pesci; Moira Kelly; Patrick Dempsey; Josh Hamilton. USA: WGA, 1997. 1 bobina cinematográfica (128 mim), son., color.
- IFAPJ - Instituto de Formação, Assessoria e Pesquisa Sobre Juventude. Dinâmicas. **Revista Redemoinho**, Goiânia, edição 313, p. 20, fev. 2001.
- MAMEDE, M.V.; CLAPIS, M.J. Produção científica na enfermagem na área de saúde da mulher-década de 80. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v.9, n.1, p.7-20, abr.1996. Número Temático.
- MILET, M.E.; MARCONI, R. **Metodologia participativa na criação de material educativo com adolescentes**. Salvador: Paulo Dourado, 1992.

MIRANDA, S. **Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários**. 3. ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

ROGERS, C.R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

SANTOS, I; GOUTHIER, J. **Enfermagem: análise institucional e sócio-poética**. Rio de Janeiro: Escola de Enfermagem Anna Nery / UFRJ, 1999.

SANTOS, I. Cientificidade na enfermagem: uma ideologia compartilhada. **Rev. Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 215-221, jun. 1998.

TUGDE, J. Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal e a colaboração entre os pares: implicações para a prática em sala de aula. In: MOLL, L. **Vygotsky e a Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 28-41.